

Imprensa



Euler de França Belém

Dickens foi a primeira celebridade global

O escritor inglês influenciou Dostoiévski e Kafka, era amado pelo alemão Karl Marx, se tornou tão conhecido quanto Shakespeare e Jane Austen e vivia de sua literatura



Charles Dickens, escritor inglês: a primeira grande estrela da literatura mundial

Depois de William Shakespeare, Charles Dickens, nascido há 200 anos, talvez seja o escritor mais importante da Inglaterra. Seu biógrafo mais recente, Peter Ackroyd, autor do cartapácio "Dickens — O Observador Solitário" (livro inédito no Brasil), garante que o escritor foi a primeira celebridade global. O crítico norte-americano Harold Bloom, no livro "Gênio — Os 100 Autores Mais Criativos da História da Literatura", pensa parecido: "Na Era da Informação, Dickens perde apenas para Shakespeare e Jane Austen, na condição de únicos escritores patentemente capazes de sobreviver ao domínio dos novos meios de comunicação. Em todo o mundo, Dickens perde apenas para Shakespeare, na qualidade de autor universal". Mas o primeiro a se tornar universal, paradoxalmente, não foi Shakespeare ou Austen, esta redescoberta via cinema, e sim Dickens, na versão de Ackroyd. O autor influenciou, entre outros, Dostoiévski e Kafka, que o idolatrava. Curiosamente, Bloom bebe nas interpretações pioneiras de Edmund Wilson, autor do seminal ensaio "Dickens: os dois Scrooges", de 60 páginas, mas não o cita. O texto está no livro "11 Ensaaios — Literatura, Política, História" (Companhia das Letras, com excelente tradução de José Paulo Paes). Escrito em 1939, o artigo promoveu um verdadeiro resgate do autor de "As Aventuras do Sr. Pickwick" como escritor sério, não apenas um criador de histórias típicas de entretenimento. A Inglaterra comemora os 200 anos do nascimento do criador de "David Copperfield" com exposição e lançamento de livros. Os jornais europeus, como "The Guardian" e "El País", publicaram uma série de reportagens e análises sobre a vida e a obra do homem que encantou gerações com "Oliver Twist". Usou como base textos do "El País", citando eventualmente Bloom e Wilson.

Karl Marx adorava ler as obras de Dickens e escreveu que o autor de "Grandes Esperanças" "havia proclamado mais verdades de fundo social e político que todos os discursos de profissionais da política, agitadores e moralistas juntos". Wilson notou que a paixão de Dickens pelos deserdados tem origem na sua infância. O pai, um gastador inveterado, foi preso por causa de dívidas e Dickens teve de trabalhar numa fábrica de graxa. O menino de 12 sentia-se humilhado e desesperado. A crise pessoal foi transplantada à sua literatura, repleta de dor e alegria. Seu primeiro biógrafo, John Forster, autor de "The Life of Charles Dickens", escreveu que "David Copperfield" é "filho" do trabalho do menino operário. O "problema" formou Dickens como escritor e homem. "O maior autor dramático que a Inglaterra teve desde Shakespeare", pontuou Wilson, é filho de sua infância. O poeta Wordsworth acertou quando sugeriu que o menino é o pai do homem.

Ackroyd diz, com acerto, que Dickens é um autor que "permanece". "Ele está sempre presente, nunca deixou de ser uma força viva da cultura britânica", assinala o biógrafo. Há filmes e séries sobre suas obras e os livros são reeditados com frequência. Não se pode apontar nenhum período, "desde sua morte, no qual não tenha sido lido e admirado universalmente". O historiador Alex Werner concorda: "Dickens está em todos os âmbitos da cultura britânica". E não só da britânica, sugere Ackroyd.

Apontado como "a primeira estrela da cultura global" por Ackroyd, Dickens "foi muito popular entre públicos muito diversificados e atraía multidões quando fazia leituras de seus livros". Nos Estados Unidos, conta o biógrafo, "era seguido por multidões nas ruas e grandes massas se concentravam na porta dos hotéis em que se hospedava. Ele foi a primeira celebridade global". Hoje, são cantores que reúnem multidões, levando as pessoas, notadamente jovens, à histeria. Tecnologicamente avançou; culturalmente, piorou.

Uma das "grandes virtudes de Dickens", no dizer de Ackroyd, é "sua habilidade para criar personagens críveis e sua enorme habilidade como narrador, sua capacidade de contar histórias. Seu talento para inventar é incrível: publicava histórias toda semana, todo mês. E sempre conseguia manter o interesse dos leitores". Ele criou 2 mil personagens — como Oliver Twist, Ebenezer Scrooge, David Copperfield e o sr. Pickwick — em seus 14 romances. A inspiração de Dickens era sua própria vida e a cidade de Londres, sua meca.

Além de escritor, Dickens foi jornalista. O sucesso de "As Aventuras do Sr. Pickwick" permitiu que ele se dedicasse à literatura a partir de 1836. Mas a fama chegou com "Os Contos de Natal", em 1843. Esteve na Itália, na França e nos Estados Unidos, onde fez leituras públicas e ganhou muito dinheiro. "Ganhar dinheiro foi uma das obsessões de sua vida", anota Guillermo Altares, do "El País".

Dickens inspirava-se na realidade de Londres para compor suas histórias — ampliadas por sua imaginação —, mas tinha também a ambição de melhorar a sociedade. Steven Pinker, no ensaio "The Better Angels of Our Nature", uma investigação sobre a queda da violência no Ocidente, cita a obra de Dickens: "Oliver Twist e Nicholas Nickleby abriam os olhos da sociedade sobre os maus tratos de crianças nos albergues e orfanatos". Ackroyd diz que, "durante a vida" do escritor, "Londres mudou mais do que em todos os outros momentos de sua história". Alex Werner e Tony Williams, no livro "Dickens's Victorian London", sustentem que o autor de "Grandes Esperanças" soube "captar todos as mudanças que ocorriam ao seu redor e, quando lemos suas obras, somos testemunhas do crescimento e desenvolvimento da cidade moderna, com todos os problemas associados". Ackroyd, um de seus leitores mais perspicazes, escreve: "Em sua obra o real e o irreal, o material e o espiritual, o concreto e o fantástico, o mundano e o transcendente convivem em precário equilíbrio. São resolvidos apenas pelo vigor da palavra criada. Nisso consiste a magia de Dickens".

Em termos pessoais, Dickens era um homem complicado. Casou-se com Catherine, de quem se divorciou, e manteve um relacionamento com a atriz Nelly Ternan (no livro de Wilson, é Ellen). Teve dez filhos. Alguns se endividavam e ele tinha de pagar os credores. Tinha o hábito de fazer caminhadas noturnas e percorria, durante horas, até 30 quilômetros. Faleceu aos 58 anos, em 9 de junho de 1870. Estava esgotado, mas produzia muito. "Duzentos anos depois de sua morte, Charles Dickens segue guardando seu maior segredo: a essência de sua energia", escreveu a ensaísta Verlyn Klinkenberg, no "New York Times".

T. S. Eliot — Há uma excelente biografia de T. S. Eliot, escrita por Peter Ackroyd, mas não publicada no Brasil. Por isso o leitor patropi deve saudar, até com veneração, a biografia "A Era de T. S. Eliot — A Imaginação Moral do Século XX" (É Realizações, 655 páginas), de Russell Kirk. O autor do livro apresenta Eliot como poeta, o mais refinado do século 20 — no Brasil quem mais se aproxima de sua sofisticação é João Cabral de Melo Neto — e como uma espécie de filósofo conservador, e extremamente atento às questões de seu tempo e ao que é atemporal em termos de civilização e valores. A edição é caprichada, com apresentação de Alex Catharino (uma pena que fale mais de Kirk do que de Eliot) e introdução de Benjamin G. Lockerd Jr.

Google Pesquisa Personalizada

Buscar

INFORMAÇÃO E ANÁLISE
DE QUALIDADE.
ONDE E QUANDO
VOCÊ QUISER.

3241-0232
BRINDE

JORNAL OPÇÃO

Colunas



Imprensa

Flaubert não era alienado político, diz Edmund Wilson
Euler de França Belém



Direto do Oriente Médio

O fim da conveniência
Herbert Moraes



Anápolis

Frederico Jayme quer ser candidato, mas PMDB quer vice
Andréia Bahia



Órbita Jurídica

Mentes psicopatas e o caso de Doverlândia
Manoel L. Bezerra Rocha



Conexão

DEM tem nome para unir a base
Cezar Santos